

a palavra
é sua

Bartolomeu Campos de Queirós

Para ler em silêncio

Apresentação e sugestões de atividades: Maria Lúcia de Arruda Aranha



Por que o tema da **palavra**?

Caro professor,

Com a Série *A palavra é sua*, constituída de obras ficcionais, a Editora Moderna pretende favorecer a reflexão a respeito das múltiplas faces da *palavra* em uma época de predominância de imagens, gestos, *performances* e, muitas vezes, de empobrecimento da linguagem verbal.

E por que o tema da palavra? Porque a linguagem humana resulta de uma construção da razão, uma invenção do sujeito para se aproximar da realidade, para se comunicar com os outros, para retornar sobre si mesmo e se reconhecer. Mais ainda, a linguagem é um dos principais instrumentos da invenção do mundo cultural por nos permitir lembrar o passado, projetar o futuro e, dessa maneira, nos tornarmos capazes de transcender nossa experiência vivida.

Por se tratar de um atributo humano fundamental, a palavra é um *elemento constitutivo*, aquilo que faz com que sejamos cada vez mais humanos. A palavra é também a via da construção da identidade:

por meio dela “conversamos” conosco, quando refletimos, e saímos de nós, quando dialogamos.

O interesse pela palavra decorre de suas múltiplas funções cognitivas, comunicativas e valorativas. Ao enfocar a palavra nas expressões da fala e da escrita, chamamos a atenção para os aspectos fundamentais da palavra, ou seja, a sua capacidade de:

- conhecer a realidade, ainda que por perfis e aproximações;
- dialogar, estabelecendo a intersubjetividade da comunicação;
- provocar a ação: o agir humano é sempre intencional, antecedido pela reflexão; e vice-versa: o pensar, por sua vez, se enriquece com o fazer;
- valorar: além de nos humanizar, a palavra possibilita que façamos juízos de valor.

Portanto, pela palavra podemos: contar um acontecimento, levantar hipóteses e examiná-las, planejar um trabalho (ou a própria vida), inventar uma história, representar no teatro, criar ou resolver enigmas, traduzir, cumprimentar, orar, imaginar metáforas, poetar, comandar, implorar, comunicar-se com os

outros, escrever, persuadir, ensinar, prometer, orientar a ação, avaliar comportamentos e pessoas e muito mais.

Do mesmo modo, lembramos os usos perversos da palavra, que impedem ou enfraquecem o processo de humanização. Como dizia o filósofo francês Georges Gusdorf, “as palavras possuem um destino, feliz ou infame”, já que elas nos permitem mentir, maldizer, provocar mal-entendidos, dissimular acontecimentos, doutrinar, caçoar, ofender, trair, difamar.

No entanto, não nascemos falando: na raiz latina do termo *infância* encontramos o significado de “aquele que não sabe falar”. Por isso mesmo cabe aos educadores — pais e professores — possibilitar à criança e ao jovem o encontro fecundo com a palavra no movimento de aprendizagem e do seu necessário aprimoramento. Mesmo porque a pobreza ou a riqueza de vocabulário e o grau de intimidade com as nuances da língua são responsáveis pela indigência do próprio pensamento ou pelo seu requinte.

Neste suplemento o professor encontrará:

- UM POUCO SOBRE O AUTOR
- COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA
- PÚBLICO-ALVO
- SUGESTÕES DE ATIVIDADES
- OUTROS LIVROS DO AUTOR
- OUTRAS SUGESTÕES DE LEITURA/ MÚSICA/FILME

❖ UM POUCO SOBRE O AUTOR

Bartolomeu Campos de Queirós é mineiro e reside em Belo Horizonte. Como escritor, recebeu os mais significativos prêmios pela construção de uma literatura voltada para os leitores mais jovens: Prêmio Jabuti, Grande Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte, Prêmio Bienal Internacional de São Paulo, Prêmio Academia Brasileira de Letras e vários prêmios em diversas categorias pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Sua obra foi reconhecida em Cuba com o Prêmio “Rosa Blanca”, na França com o “Quatrième Octogonal”, na Inglaterra com o “Diploma de Honra do IBBY”, o “Prêmio Internacional” conferido pelo Brasil, Canadá, Noruega e Dinamarca.

Como educador, exerceu o magistério na Divisão de Aperfeiçoamento do Professor—MEC, no Sistema Pitágoras de Ensino, e foi assessor junto à Secretaria de Estado da Educação. Foi presidente do Palácio das Artes, membro do Conselho Estadual de Cultura e membro do Conselho Curador da Fundação Escola Guignard.

Pelos seus inúmeros títulos publicados, Bartolomeu Campos de Queirós é reconhecido, pela crítica especializada e pelas teses universitárias, como um dos grandes escritores brasileiros.

❖ COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Nesse livro, entre os vários aspectos abordados, podemos destacar um tema recorrente, o do silêncio, em que encontra lugar “tudo que ainda está por criar”. Por isso o silêncio não é um recolhimento infecundo, ao contrário, representa um aprofundamento na interioridade. No silêncio buscamos a compreensão de nós mesmos e da realidade, o que é feito por meio da palavra: “no sigilo do silêncio dormem notícias inusitadas, esperando a palavra acordá-las”. Como já disse Guimarães Rosa: “O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais”.

Porém, o mundo revelado pela palavra não é alcançado em sua plenitude porque, se a palavra amplia o mundo, “ela clareia seus escuros sem lhe roubar a penumbra”. E diante do indecifrável, na busca do ocultado, a imaginação é mestra porque “as metáforas acolhem e libertam a fantasia”.

É a palavra que nos arranca do silêncio: dar sentido às coisas nos torna sujeitos e nos permite ir ao encontro das outras pessoas com as quais falamos ou para as quais escrevemos. Enquanto a fala brota em um momento e aí mesmo se esvai, a escrita pede para ser lapidada, resulta do fazer e do refazer: “escrever é um pensar muitas vezes”. E o que seduz nesse movimento é a possibilidade de rememorar o passado, projetar o futuro e ainda provocar tantos leitores para imaginarem além do que foi escrito.

De muitas maneiras, portanto, a palavra é o que nos humaniza.

❖ PÚBLICO-ALVO

Alunos da 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e jovens adultos.

❖ SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Como dissemos, a especificidade da Série *A palavra é sua* é realçar a importância da palavra na constituição do sujeito e do mundo cultural. Por isso o enfoque das questões propostas gira em torno desse interesse principal. Nada impede, porém, que seja aproveitada a riqueza do texto também para a análise literária, ao se observar o estilo do autor e as peculiaridades de sua escrita.

Lembramos ainda que não é necessário seguir todas as sugestões apresentadas, selecionando as mais adequadas ao tempo disponível e ao interesse dos alunos. Algumas vezes, elas podem funcionar como inspiração para outras propostas a partir de acontecimentos circunstanciais vividos na comunidade.

1. Inicialmente, faça um levantamento com seus alunos para saber se eles já leram alguma obra do autor. Adiante a eles que o livro aborda a questão da palavra, sobretudo do escrever, realçando o poder que a palavra exerce sobre o imaginário de quem escreve e de quem lê. Indague se alguém tem o hábito de escrever, por vontade própria, fora das exigências das tarefas escolares.

2. Sugerimos que o início da leitura seja feito em classe para que os alunos se familiarizem com a proposta do autor e discutam juntos as primeiras investigações sobre o texto. Por exemplo, os três primeiros parágrafos, o poema e mais três parágrafos dão uma pista importante para adentrar em temas que são caros ao autor. Experimente discutir o que representa para ele a experiência do silêncio diante do mundo, “um grande livro aberto e sem texto” que “consente tantas leituras quantos são aqueles que vivem nele e têm olhos de ver”. Desse modo, os alunos se encorajam a fazer sua própria interpretação, libertando a fantasia, “concretizada pela palavra”. Em seguida, com o poema, a indagação reiterada “ou foi engano?” indica a incerteza que nos acompanha nesse desvendar da realidade. Apesar disso, ou por causa disso, a palavra desvela o caminho pela fantasia: se o silêncio ainda não é a palavra, “no sigilo do silêncio dormem notícias inusitadas, esperando a palavra acordá-las”.

3. Ainda nesse início de leitura, discuta com os alunos a epígrafe do livro: “No princípio, foi a palavra falada; para cumprir sua profecia, fez-se necessário eternizá-la”. Nessa citação está subentendida a refe-

rência bíblica ao Evangelho de São João, “No princípio era o Verbo”, ou seja, Jesus é a Palavra (o Verbo), que vem ensinar aos humanos os mistérios divinos. A profecia se refere ao Messias anunciado pelos profetas do Antigo Testamento. Já o próprio Evangelho de São João é o documento escrito mais tarde para registrar a palavra divina. No entanto, além do caráter sagrado dessa citação, podemos encontrar nela um significado profano (não religioso), isto é, também a humanidade começou apenas falando e só muito mais tarde inventou a escrita. Para complementar a discussão, sugira que os alunos façam uma pesquisa sobre a evolução da escrita, como e em que época apareceu entre egípcios, babilônios, gregos etc.

4. Releia o poema do autor que começa assim: “Você soprou meus ouvidos com a música das palavras, decisiva poesia”. Em seguida, sugira que os alunos discutam qual é a relação de cumplicidade estabelecida entre o escritor e seu leitor (o escritor francês Marcel Proust dizia que o leitor de seu romance na verdade lê a si próprio). Indague se os alunos concordam ou não com o autor, justificando a resposta: já sentiram o poder da fantasia ao lerem um livro, ouvirem uma música ou assistirem a um filme?

5. A memória é uma faculdade humana responsável pela nossa consciência, ou seja, sabemos o que sabemos por termos memória. Peça aos alunos que expliquem como a palavra desempenha um papel importante ao resgatar o conteúdo da memória. E que também exemplifiquem, a partir de alguma experiência pessoal, como às vezes nos falta a palavra para uma lembrança que é sobretudo sensorial (visão, olfato, audição, paladar e tato). Em seguida, peça que tentem descrever uma dessas sensações.

6. A memória humana nos situa no tempo — no antes e no depois: se a palavra me traz a memória do passado, é a própria memória do passado que me ajuda a planejar meu futuro. Peça aos alunos que expliquem esse movimento exercido pela palavra e em seguida analisem por que o situar-se no tempo revela uma experiência exclusivamente humana.

7. “Eu aprendi a escrever para deixar gravado o tamanho do meu desejo, da minha dúvida, do meu medo.” Ao interpretar essa frase do autor, pergunte aos alunos se isso vale para entender melhor as pessoas que escrevem diários. Ou, atualmente, na era da

internet, se o interesse em escrever *blogs* seria — ou não — movido por esse mesmo objetivo.

8. O autor fez um poema com os nomes Maristela, Maria e Mário e depois afirmou que “toda palavra brinca de esconder outras palavras”. Peça que os alunos se reúnam em grupo e façam o mesmo com outros nomes de pessoas e de coisas.

9. “Nenhuma palavra vive sozinha. Toda palavra é composta. Se escrevo mar, nesta palavra rolam ondas, viajam barcos, cantam sereias, brilham estrelas, algas, conchas e outras praias. Se digo pai, é aquele que me ama, ou aquele que não conheci, ou aquele que me abandonou.” A partir dessa citação, peça que os alunos escolham outras palavras e juntem a elas o que sua fantasia puder imaginar.

10. Partindo de elementos dados pelo autor que, o tempo todo, relaciona e distingue o falar e o escrever, peça aos alunos que discutam as diferenças entre a palavra falada e a palavra escrita. Ou seja, que cuidados tomamos quando apenas falamos com alguém ou quando precisamos escrever (por exemplo, quando o autor diz que “escrever é pensar muitas vezes”). Em seguida, solicite que escrevam uma carta (para um amigo, irmão ou professor) justificando alguma reação intempestiva em que foram ditas palavras impensadas.

11. Para refletir com os alunos sobre a importância da alfabetização nas sociedades letradas contemporâneas, mostre dados atualizados desses índices no Brasil e no mundo ou peça que eles próprios façam a pesquisa. A título de exemplo, lembramos: no Brasil, em 1920, o índice de analfabetismo era de 80%; em 1940, era de 56,17%; e em 2002, ainda era de 11,80%, o que, em números absolutos, representava 14,6 milhões de pessoas. Oriente os grupos para discutirem a questão e em seguida escreverem um texto em que imaginam os acontecimentos — e dificuldades — de um dia na vida de um analfabeto em uma cidade grande.

12. No romance *1984*, o inglês George Orwell conta uma história que se passa no futuro, em um mundo controlado pelo poder totalitário do Grande Irmão. Uma das medidas impostas para garantir o po-

der é a exigência do uso da “novilíngua”, que consiste na simplificação extrema do vocabulário. Esse exemplo pode ser pretexto para discutir por que a pobreza de vocabulário pode facilitar a dominação de pessoas ou grupos. Também a gíria, quando seu uso é excessivo e restrito ao grupo que a utiliza, seria prejudicial à comunicação? Como o ato constante de escrever poderá superar essas dificuldades?

13. Em um poema, o carioca Paulo Henriques Britto diz que, diante dos problemas com que nos deparamos na realidade (porque “a realidade é coisa delicada, de se pegar com as pontas dos dedos”), há uma saída: “falar, falar muito. São as palavras que suportam o mundo, não os ombros”. Auxilie os alunos a interpretar esses versos e em seguida comentarem se essa idéia está de acordo com o que diz o autor de *Para ler em silêncio*.

14. Guimarães Rosa disse: “O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais”. Pergunte aos alunos em que sentido as referências feitas por Bartolomeu Campos de Queirós ao silêncio se aproximam daquela idéia sugerida por Rosa.

❖ OUTROS LIVROS DO AUTOR

- *O olho de vidro do meu avô*, São Paulo, Moderna, 2004
- *Vida e obra de Aletrícia depois de Zoroastro*, São Paulo, Moderna, 2003
- *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*, São Paulo, Global, 2004
- *Índez*, São Paulo, Global, 2004
- *Ciganos*, São Paulo, Global, 2004
- *Coração não toma sol*, São Paulo, FTD, 1998

❖ OUTRAS SUGESTÕES DE LEITURA

- *1984*, George Orwell, São Paulo, Ibep Nacional, 2003.

Nesse romance, que é uma distopia — uma utopia negativa —, as pessoas vivem em um Estado totalitário em que a simplificação da linguagem constitui instrumento de dominação.